



## LIBERTAR-NOS DAS DEPENDÊNCIAS «QUANTO MENOS, TANTO MAIS»

*Leonor Caracóis*

No mercado de Santo Amaro, em Beja, ponto de passagem obrigatório aos sábados de manhã, quando vou visitar os meus pais, há anos que o Sr. Sérgio vende pão alentejano, grande, por 1€; todos os outros o vendem quase pelo dobro. E juntamente com o «panito» oferece sempre um bolo da amassadura ou uma popia. Quando se lhe pergunta, sobretudo no mês de janeiro, se o pão não aumenta, a resposta é sempre a mesma: «Vai dando para os gastos, não preciso de mais».

Nas frias manhãs alentejanas, sobressai a boa disposição e a franqueza deste homem, ainda novo, com filhos pequenos, que «não precisa de mais». Certamente na aldeia do Rosário, de onde é natural, aprendeu com os seus e em contacto com o levedar lento da massa do pão que a qualidade de vida, ou melhor, o que dá qualidade à vida não são os bens que possuímos ou consumimos.

Esta sabedoria do pouco, do valor das coisas simples, de «perder tempo» com o que parece não ser útil é algo que encontro muito nas gentes simples do Alentejo e que vem questionar o pragmatismo e o olhar instrumentalista que, quase impercetivelmente, se vão alojando dentro.

Cuidar da casa comum implica libertarmo-nos de múltiplas dependências, das quais muitas vezes não somos conscientes. O ritmo de vida é tão acelerado que necessitamos de carro para tudo, a eficácia que

nos é exigida é tanta que temos de possuir tecnologia de ponta, o nível de *stress* a que somos submetidos é tal que não permite que abduquemos de umas boas férias a muitos quilómetros de distância... Não suportamos nem o frio nem o calor, pelo que o ar condicionado se torna imprescindível, como imprescindíveis se tornam muitas outras coisas... E, assim, a necessidade crescente de bens e de energia propicia a que, com facilidade, nos atoplemos uns aos outros e desrespeitemos a grande casa que nos acolhe a todos.

Todas estas pequenas grandes coisas deixam bem clara a necessidade absoluta da mudança de estilos de vida, e aqui reside talvez uma das maiores, senão mesmo a maior, mudança que temos de realizar. No fundo, trata-se de mudar a nossa cosmovisão, ou seja, a maneira como olhamos para o mundo e para a existência. Estamos demasiado dependentes de uma visão que se centra, de um modo quase exclusivo, nas necessidades individuais. O indivíduo no centro, cada indivíduo no centro, e enquanto assim for dificilmente estaremos disponíveis para pensar e agir de um modo diferente.

Gente como o Sr. Sérgio aponta-nos para a possibilidade de viver mais com menos, recordando-nos que, como diz o Papa Francisco na *Laudato Si'*, «a sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário» (nº 223).